

● Feira de São Cristóvão: Patrimônio Cultural, ● Histórico e Artístico

● *Elzário Júnior ** e *Elizabeth Porto ***

Resumo

Feira de São Cristóvão - Uma variedade de produtos entre artesanato, música, dança, literatura, comidas típicas que encantam e enriquecem muito. É um evento informal, ao ar livre, onde se tem contato com todos os tipos de pessoas e com uma cultura rica em estilos e características regionais. Isto e muito mais encontraremos no Artigo de Elzário Júnior e Elizabeth Porto, que fala da formação e atualidade desta feira que representa um pouco da história de cada um de nós.

 **Instituto**
Virtual de
Turismo
www.ivt-rj.net



**Laboratório de Tecnologia e
Desenvolvimento Social**



Introdução

A história do crescimento da cidade do Rio de Janeiro explica a formação do bairro de São Cristóvão e determina as características e as transformações que ocorreram nele com o passar do tempo. Com suas tradições, seus hábitos e sua paisagem peculiar o bairro se integra e se relaciona com a cidade. Da mesma forma, se comporta a Feira de São Cristóvão - evoluindo, se modificando e atuando diretamente no comportamento das pessoas que moram e usufruem desse que fora considerado um dos bairros mais nobres da cidade no período imperial.

A feira começou com a chegada de nordestinos à cidade do Rio de Janeiro atraídos pela construção da estrada Rio-Bahia (BR-116). Eles desembarcavam dos chamados caminhões paus-de-arara em busca de trabalho. As opções de trabalho eram: ou nas fábricas que surgiam, ou na construção civil, pois era uma época de pleno crescimento dos centros urbanos, e os mestres de obras vinham atrás de mão de obra não qualificada, ou seja os nordestinos. Diante das ofertas de empregos, eles chamavam seus conterrâneos para virem para cá também em busca de melhores condições de vida. Como a viagem era muito demorada, os nordestinos chegavam cedo a São Cristóvão, linha terminal da cidade, e ficavam esperando a chegada de seus parentes com comida e viola para passar o tempo. Quando eles chegavam, já traziam os pedidos de compras dos que ficaram no nordeste e a partir daí foi se estabelecendo um sistema de trocas de encomendas e venda de produtos, caracterizando uma feira informal.

A inauguração formal da feira é datada de 2 de setembro de 1945, quando o cordelista Raimundo Santa Helena fez o primeiro poema em homenagem aos homens que vinham da guerra, poema "Fim de

Guerra" declamado em frente ao Colégio Jesuíta. Este ato, com aspectos característicos da cultura nordestina passado através da literatura de Cordel (típica literatura nordestina), caracterizou a fundação da Feira de São Cristóvão.

A feira, hoje em dia, ocupa o espaço que circunda o Campo de São Cristóvão. Há várias propostas de se utilizar o Campo, entre elas a proposta de abrigar a Feira e outros complexos de Lazer.

O arquiteto Sérgio Bernardes, autor do projeto do pavilhão, ganhou vários prêmios de reconhecimento por ser o maior vão livre em termos estruturais. Apresentou novo projeto de utilização e ocupação do pavilhão, não só pela Feira mas também pela comunidade de São Cristóvão através de teatros, cinemas, palco para shows, mas nada foi decidido pelo poder público.

A Feira de São Cristóvão organizada em torno do Pavilhão Center Shopping (antigo Campo de São Cristóvão), no bairro de São Cristóvão, é um evento de grande porte que atrai milhares de pessoas que vão em busca da típica cultura nordestina; são em média 70.000 pessoas nos finais de semana, desde o almoço de sábado até o jantar de domingo. Possui características bem populares, é apresentada pelos feirantes - pessoas extremamente receptivas que com clima de festa e descontração garantem sucesso total ao público que frequenta. Tradicional no bairro, tem características de lazer cultural e social.

Aqueles que a visitam têm a oportunidade de descobrir uma variedade de produtos entre artesanato, música, dança, literatura, comidas típicas que encantam e enriquecem muito. É um evento informal, ao ar livre, onde se tem contato com todos os tipos de pessoas e com uma cultura rica em estilos e características regionais. O companheirismo impera entre os feirantes que se ajudam mutuamente em caso de falta

* Elzário Pereira Júnior - Turismólogo, Pós-Graduado em Docência no Ensino Superior, Presidente do Conselho da ABBTUR / RJ e Professor.

** Elizabeth C. Monteiro Porto - Turismóloga, Pós-graduanda em Gestão Ambiental pela UFRJ, Membro Coselheira da ABBTUR/RJ e Consultora na área de Planejamento e Turismo

de material, mantendo assim um clima muito agradável que atinge a todos inclusive aos visitantes. Apresentam-se ao vivo 18 bandas de músicas autênticas, tocando forró, xote e xaxado.

Quanto à culinária, é bastante diversificada: farinha, feijão de corda, inhame, queijo coalho, manteiga de garrafa, paçoca, macaxeira frita e cozida, carne de sol, Pato Guisado, Galinha Cabidela, Sarapatel, Baião de Dois, Arroz de Pirarucu, Feijão Tropeiro etc., sendo que a maioria dos produtos vem diretamente do Nordeste, por exemplo: a carne de cabrito provém de uma criação que se desenvolveu muito bem na Bahia - o cabrito é trazido vivo e abatido aqui na cidade (retomando aspectos históricos do bairro que era local de abate para fornecer carne à cidade), mas as demais carnes são daqui do Rio.

A literatura é caracterizada pela literatura de Cordel - poemas que contam fatos cotidianos e satirizam personalidades. O artesanato está presente nos bonecos feitos de barro com características do folclore nordestino, e nas redes bordadas. Seu diferencial é o fato de funcionar 24 horas ininterruptas, isto é, encontra-se boa comida, boa música, repentistas e muito mais a qualquer hora.

A Feira pode ser considerada um importante produto turístico para a cidade do Rio de Janeiro. Diante da preocupação atual de expandir o turismo no Brasil, a Feira representa um importante meio para divulgar e atrair novos visitantes a nossa cidade e ao nordeste. Ela caracteriza de forma espontânea e típica a cultura nordestina aguçando a curiosidade de turistas e cariocas. Considerada uma tradição na cidade - conhecida como Feira do Nordeste, Feira dos Nordestinos, Feira dos Paraíbas, entre outras denominações - dinamizou e ocupou um espaço urbano com uma proposta cultural. É um dos melhores

acontecimentos, pois permite uma grande movimentação de pessoas e uma ampla variedade de entretenimento. É o atrativo diferencial necessário ao setor turístico carioca, pois aumenta o período de permanência de visitantes em nossa cidade que se traduz em lucro para o setor.

Sua contribuição social não se questiona, dados do IBGE de 1995 informam que a Feira emprega direta ou indiretamente 9.000 trabalhadores. São em torno de 700 barraqueiros - em cada grande barraca trabalham em média 20 empregados, nem todos eles sendo nordestinos - a maioria faz parte da família do dono da barraca. Emprega menores que estudam durante a semana e nos finais de semana ganham seu dinheiro ajudando aos pais. O trabalho é braçal e dura a semana inteira. Pelo menos 5 empregados de cada barraca trabalham exclusivamente para o evento; os outros possuem outra atividade que complementa a renda familiar. Segunda-feira é dia de descanso; tudo começa na terça-feira quando lavam o material utilizado no final de semana. Na quarta-feira compra-se o material, e a quinta e sexta-feira é dedicada ao preparo, de tal modo que no sábado já esteja tudo pronto dando qualidade e rapidez ao atendimento.

Segundo dados do Anuário Estatístico (IBGE - 1995), 70% dos habitantes do Rio de Janeiro são miscigenados, e desses, 60%, isto é, 2.800.000 são oriundos do Nordeste. Tendo em vista esses resultados, é fácil entender o crescente sucesso da Feira onde nem sempre se observou a presença desse público variado. Antigamente a construção civil estava em alta na cidade e quem ocupava a Feira eram os operários, que nada mais eram do que os nordestinos que sentiam muita falta da sua terra natal e procuravam um recanto que tivesse pessoas e produtos típicos para matarem a saudade.

Por causa da crise econômica a classe média vem procurando alternativas para os finais de semana. Diante dos produtos de boa qualidade oferecidos na Feira, as pessoas começaram a frequentá-la e divulgá-la atraindo cada vez mais adeptos. Ela não é mais só dos nordestinos, ela é frequentada por todos da cidade, sendo altamente cosmopolita. Os Cariocas curiosos usufruem do lazer que a Feira oferece e, com isso, estrangeiros trazidos por guias da cidade são atraídos pelo espetáculo da nossa diversidade cultural. Percebe-se dois públicos distintos: no sábado quem frequenta é um público mais selecionado de poder aquisitivo mais alto, e no domingo, os produtos que são oferecidos são mais populares e com preços mais baixos, atraindo mais as pessoas da construção civil.

O processo de valorização interna da cultura nordestina se faz cada vez mais necessária. Alguns barraqueiros acabaram diversificando a venda de seus produtos em busca de mais clientes e passaram a vender produtos não-típicos como discos de música americana e rock brasileiro, alguns sucos de frutas foram substituídos por refrigerantes.

Certas características de vestimentas típicas que eram usadas pelos barraqueiros, hoje, pouco são usadas. Isso significa a perda gradativa de seus aspectos culturais. É fundamental que esse trabalho de valorização cultural interna seja desenvolvido o quanto antes, marcando a auto-estima dos nordestinos e comerciantes que utilizam este espaço de relevante importância na cidade do Rio de Janeiro.

Funcionando como um marco da cultura nordestina na cidade do Rio de Janeiro, a Feira de São Cristóvão, durante muito tempo se viu isolada das ações do poder público local, sem qualquer apoio dos órgãos públicos: teve que implantar banheiros, água corrente, segurança, equipes de limpeza entre outras ações.

Em 1991, o governo decidiu que a feira seria transferida de lugar. Então os feirantes se reuniram e formaram uma comissão para defender os seus direitos; entraram com uma lei na Câmara Municipal pedindo para manter a Feira no mesmo local, visto que é tradição e faz parte da história e evolução do bairro. Percebeu-se, então, uma má vontade por parte do poder público, uma vez que só se conseguiu uma portaria para realizar as eleições para a presidência da associação da Feira depois de 3 anos. Todo o processo foi feito pelos feirantes. A prefeitura apenas concedeu as licenças depois de muita luta, pois não havia o interesse que eles ocupassem a área. Foi determinado que só receberiam as licenças aqueles que ali já trabalhassem antes de 06 de novembro de 1993.

Atualmente a Feira vem se preparando para enfrentar as transformações para se tornar o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. Considerando sua importância histórica e turística, a ABBTUR/RJ- Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo, em parceria com instituições como COOPCAMPO- Associação dos Barraqueiros da Feira de São Cristóvão, CEF-Caixa Econômica Federal, Instituto Luiz Gonzaga e o Liceu de Artes e Ofícios, discutem o planejamento de um "Programa de Capacitação Turística e Cultura Popular" para os feirantes e artistas populares - uma proposta de dinamização turístico-cultural para enfrentar as transformações para a nova realidade. Vindo, assim, agregar valor ao projeto de reordenação da Feira de São Cristóvão, facilitando a elaboração de mais um produto turístico na cidade. Podendo ser inserida como mais uma das atividades de planejamento do PNMT Programa Nacional de Municipalização do Turismo. Este processo permite, igualmente, que o programa possua um alcance sócio-econômico-turístico para auxiliar na transformação em Centro Luiz

Gonzaga de Tradições Nordestinas.

Se faz necessário um acompanhamento técnico-pedagógico a longo prazo em função dos impactos gerados pela mudança na organização do espaço da Feira de São Cristóvão. Nesse processo, o Programa prevê algumas etapas a serem seguidas, tais como: capacitar os feirantes e artistas populares, alfabetizados ou não, segundo critérios participativos estabelecidos pelo Conselho Gestor das Culturas do Nordeste. Prepará-los, tendo em vista o aumento da clientela, principalmente os turistas; e valorizar a cultura, a culinária típica e as tradições nordestinas, como forma de resgate da auto-estima como nordestino e feirante. Esse preparo trará bases para o entendimento aos projetos planejados para o novo espaço, como: Série Arretada, Série Nordeste, Série Brasil, Projeto Água pro Nordeste, entre outros.

As instituições parceiras do programa juntamente com a COOPCAMPO, perceberam a necessidade de um diagnóstico através de um censo social de todos que trabalham na Feira. Vindo assim ampliar e direcionar melhor a proposta de conteúdo programático, a dimensão para aplicação da metodologia a ser utilizada de acordo com o nível de escolaridade dos participantes, entre outras utilidades educacionais e culturais.

A análise dos dados será também de grande utilidade para a COOPCAMPO, responsável pelo processo junto aos barraqueiros. A aprendizagem e conscientização dos impactos da mudança serão focos de avaliação, reconhecendo e premiando a barraca com um selo de qualidade (sugestão: flâmula de couro), quando todos daquela unidade estiverem realizado o curso de capacitação.

Será discutido com os barraqueiros em quais condições os outros selos deverão ser concedidos. Até a transferência operacional

das barracas, deverão estar capacitados todos que atualmente encontram-se em atividade na Feira. Percebemos de antemão a importância da participação comunitária nos processos de decisão e reordenamento da Feira.

Uma primeira ação implantada foi a participação dos barraqueiros no Programa 'Meu negócio é Turismo'. Foram realizadas seis oficinas de sensibilização, ministradas pelos Turismólogos Elzário Pereira Júnior e Elizabeth Porto.

O Programa "Meu Negócio é Turismo", promoção do Ministério do Trabalho e Emprego, é uma ação do PLANFOR Plano Nacional de Qualificação do Trabalhador e um dos mecanismos da política pública de trabalho e renda (PPTR), patrocinado pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), com apoio de diversas instituições federais e estaduais. Seu objetivo principal é mobilizar e sensibilizar integrantes de comunidades locais para identificar o turismo como gerador de trabalho e renda, orientar profissionais direta ou indiretamente ligados ao turismo, bem como promover a qualidade no atendimento do turista.

Como desdobramento das oficinas realizadas para os feirantes, surgiu a iniciativa da premiação de propostas que atendessem ao seguinte tema: "Sugestões sobre Turismo para a Feira de São Cristóvão", da COOPCAMPO, que teve como objetivo ajudar no processo de sensibilização e conscientização dos feirantes para a importância do turismo no local aonde trabalham.

Foi montada uma comissão, com a participação da ABBTUR/RJ, IVT, TurisRio e IH - Instituto de Hospitalidade para selecionar e premiar as duas melhores sugestões dadas pelos diversos grupos durante as oficinas que foram capazes de trabalhar conceitos de turismo e identificar dentro de suas atividades o que seria necessário para

incrementar o turismo na Feira e que fosse capaz de beneficiar a população em termos econômicos, ambientais e culturais.

Os feirantes trabalharam em pequenos grupos, deram sugestões, indicaram os responsáveis para a implementação da boa idéia, discutiram iniciativas no campo do turismo, capazes de incrementar o desenvolvimento local. Como prêmio os dois grupos vencedores, realizaram uma atividade chamada "Um dia de turista pelo Rio". Esse prêmio teve a intenção de mostrar ao grupo a sensação de ser turista por um dia, vivenciar a experiência e as expectativas de um visitante em nossa cidade.

A empresa São Geraldo ofereceu um ônibus, a TurisRio ofereceu uma cortesia para conhecer o Pão de Açúcar, e o Museu Casa do Pontal de Cultura Popular, em Vargem Grande, ofereceu a entrada para que os premiados pudessem conhecer um dos maiores acervos de arte popular no Brasil. A atenção ao atendimento dado aos turistas em todos os lugares visitados e principalmente durante o almoço, que foi realizado num restaurante muito freqüentado por turistas, foi a ênfase dada durante o percurso realizado.

O barraqueiro começa a tomar consciência do seu valor; sabe que é produtivo e que seu trabalho garante entretenimento a muitos visitantes. Sabe que deve exigir melhorias que garantirão a qualidade nos serviços e conseqüente aumento da procura. Seu público variado busca lazer e entretenimento num local de grandes atrativos - o bairro de São Cristóvão, que deve receber incentivos para melhorar a qualidade de vida de seus habitantes e das pessoas que o freqüentam. O poder público vem finalmente descobrindo o valor e a força da Feira de São Cristóvão.